

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 4 - Três crimes

Branca Vianna: Quando a Ângela se separou do Milton Villas Boas, ela construiu uma casa. Não era pra ela. Era pros pais dela. Ela fez uma casa pra eles no mesmo terreno da casa dela, que ficou com ela no desquite. Era um jeito de preservar a liberdade que ela ganhou quando casou – mas sem perder o conforto e a segurança de ter os pais por perto.

E o cuidado era tanto que os pais instalaram na casa da Ângela uma campainha que soava dentro da casa deles – tipo um botão de pânico pra alguma emergência. Eu não sei quantas vezes a Ângela usou essa campainha desde que começou a morar sozinha até a madrugada de 11 de junho de '73. Mas nesse dia, ela enfiou o dedo no botão e só soltou quando os parentes se materializaram na porta dela.

A primeira pessoa que chegou, esbaforida, foi a mãe da Ângela, a Maria Diniz. E logo na rampa de entrada da casa da filha, ela viu um corpo. Era um adolescente negro, morto com um tiro na cabeça. Ele tinha uma faca de prata na mão, a braguilha aberta com vestígios de sêmen, e a barra da calça infestada de carrapichos.

E a mãe da Ângela conhecia o menino: ele era o José Avelino dos Santos, que eles chamavam de “Zé Preto”. Ele fazia uns bicos de vigia e lavador de carros na casa da Ângela. A Maria desviou do corpo, apavorada, e encontrou a Ângela no quarto, chorando ao lado do botão de pânico. Mal ela entrou, e a Ângela já disse: “Fui eu.”

Essa foi a primeira vez que a Ângela saiu das colunas sociais pras páginas policiais. E esse clichê aparentemente irresistível foi repetido em quase todas as reportagens sobre ela a partir dessa madrugada de '73.

Neste quarto episódio, a gente vai falar do caso do caseiro, e de outros dois crimes que entraram pra biografia da Ângela antes de ela conhecer o Doca Street.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*.

Episódio 4. Três Crimes.

Quando a gente esteve em Belo Horizonte, a gente marcou de conversar com uma pessoa-chave pra explicar a confusão que se tornou o caso do caseiro. O Maurício Aleixo. Ele foi a primeira pessoa pra quem a mãe da Ângela ligou naquela madrugada. E não só porque ele era o advogado da família, mas porque ele era também tio da Ângela.

Maurício Aleixo: Esse Cristo aqui foi o... Tuca Mendes que me deu.

Branca Vianna: Ele recebeu a gente no apartamento dele com vista para o Minas Tênis Clube. Eu e a Flora – pesquisadora dessa série – nos sentamos num sofá e ele no outro, do lado. Entre os dois sofás tinha uma mesa com uma linda escultura de um Cristo em madeira.

O Tuca Mendes, esse que presenteou o Maurício Aleixo com a escultura, era colecionador de arte. O Maurício gostou muito da peça, e botou na sala dele. E, um dia, quando um amigo especialista em obras de arte veio visitar, o cara quase caiu pra trás.

Maurício Aleixo: Ele falou assim: “Uai, ô, Maurício, você está com uma obra do Aleijadinho.” Eu falei: “O quê?” “É. Eu vou descrever para você.” Ele sentado ali, você vê a distância. Ele veio e mostrou exatamente a maçã do rosto, a barba, falou assim: “O Aleijadinho seria, na ocasião, o único escultor que teria a audácia de fazer uma imagem do Cristo com uma das pernas totalmente nua e exposta.”

Branca Vianna: O Maurício é filho do Pedro Aleixo, grande advogado mineiro, e figurinha fácil nos livros de história do Brasil. O Pedro Aleixo participou, de uma forma ou de outra, de todos os governos, desde Vargas até Costa e Silva.

O filho Maurício era casado com a Zélia, irmã da mãe da Ângela, e ele já tinha representado a sobrinha no longo e extenuante processo de desquite.

Maurício Aleixo: E a Ângela, depois que se separou, ela teve ali, se envolveu com um rapaz também aí, da sociedade, casado, que era o Tuca Mendes...

Branca Vianna: Tuca Mendes, aquele que deu de presente o Cristo do Aleijadinho. A Ângela tinha se aproximado dele naquele baile do rei do estanho. Ele era o herdeiro da Mendes Jr., uma das maiores empreiteiras do Brasil.

Maurício Aleixo: E houve até um episódio, porque elas moravam aqui num bairro aqui da zona Sul, e na ocasião o caseiro resolveu invadir ali.

Branca Vianna: “Caseiro” é o termo que muita gente usava pra se referir ao rapaz que trabalhava pra Ângela. Mas isso talvez seja um exagero.

Maurício Aleixo: Ele era um tomador de conta de carros na rua. E o irmão da Ângela: “Ângela, tem o Zé Preto, ele é um bom rapaz, dá um emprego para ele.” E ela resolveu dar esse, colocá-lo como uma espécie de vigia da casa. Ele vinha furtando, todo mundo sabia, aí da casa de Ângela. E, à noite, isto eu me recordo, aconteceu que o Zé Preto tentou invadir a casa. A mãe da Ângela ligou pra mim e disse: “Maurício, a Ângela matou o Zé Preto.” “Mas que que é isso?” Então eu saí, e fui até a casa... eram dois blocos aí de residência, e a Ângela morava numa parte dos fundos que tinha uma rampa. Quando eu chego, encontro realmente o corpo desse Zé Preto.

Branca Vianna: O senhor chegou lá antes da polícia então.

Maurício Aleixo: Antes da polícia, para saber o que estava acontecendo.

Branca Vianna: Como advogado dela e tio dela.

Maurício Aleixo: Exato, é. Fui lá, verifiquei, ele estava caído. E sobre o corpo dele uma lâmina que aparecia grande. Aí eu falei: “Ângela, o que é que foi?” “Ah, eu matei o Zé Preto.” Eu achei aquilo estranho. Fui, a levei até um hospital, que ela estava muito abalada, e fui, como era minha obrigação, comunicar o fato ao delegado de plantão, porque era num domingo. E quando houve a notícia de que a Ângela tinha matado alguém, aquilo foi uma revolução.

Branca Vianna: Imagina o escândalo: Ângela Diniz, talhada pra brilhar na alta sociedade mineira, não se contentou em manchar a biografia com um desquite. Agora, aos 28 anos, ela era uma assassina confessa.

Os jornalistas e os curiosos se acotovelavam na entrada do Fórum Lafayette. No dia do depoimento da Ângela, o delegado teve que colocar uma grade de ferro e polícia na porta para barrar a multidão.

Locutor: *É possível que, ainda este ano, Ângela troque as poltronas dos salões elegantes pelo duro banco dos réus —*

*Dama de sociedade está sob suspeita do assassinato de ex-vigia em Belo Horizonte —
Ângela, a elegante, matou o ex-empregado.*

Branca Vianna: Mas o Mauricio Aleixo tava com uma pulga atrás da orelha com essa história desde o começo. Ele deixou a sobrinha aos cuidados dos médicos no hospital e voltou pra casa dela.

Maurício Aleixo: Tiraram fotografias aí do corpo, e entramos lá na casa de Ângela, verifiquei cama de casal, dois travesseiros usados, de um lado um cinzeiro com um cigarro meio fumado. Então fiz essas as observações. Saí dali, fui até o hospital, falei: “Ângela, o que foi?” “Eu matei o Zé Preto.” “Mentira. Primeiro, quem é que estava com você aí?” “Ah, não tinha ninguém.” “Não tinha? Eu fui, eu entrei, eu vi lá a cama estava ali com dois travesseiros usados. Então quem é que estava com você? Você não fuma. Tinha um cigarro meio fumado ali, apagado.” E depois, na direção do corpo, eu vi no muro dois furos de bala numa posição absolutamente certinha, horizontal. Ângela, eu sabia, tinha pavor de arma de fogo. Ela nunca tinha dado um tiro, e qualquer um que tenha atirado sabe, quer dizer, mesmo um revólver, na hora que você atira, dá o que a gente chama de coice. Então quem atirou tinha a mão muito firme. Eu falei: “Ângela, quem atirou? Você não foi. E digo mais, se você mentir, quando a verdade surgir, ninguém acreditará.” Ela começou a chorar. “Mas eu não posso dizer, não devo dizer. Foi o Tuca Mendes, filho do Zé Mendes Júnior, que foi presidente aqui do Minas também, uma família bastante conhecida. O Tuca é casado, e se esse fato for divulgado, vai comprometer o casamento dele.” “Mas não, mas Ângela... Essa é a consequência menor aí para o fato. E você diga a verdade do que realmente aconteceu.” Então fui até o delegado e falei: “Olha, eu posso trazer a Ângela, mas você não dará voz de prisão em flagrante, porque não há o flagrante. E você poderá abrir o inquérito policial.” E o Tuca realmente foi chamado, assumiu a responsabilidade.

Branca Vianna: No primeiro depoimento que a Ângela deu pra polícia, ela já disse que não tinha sido ela. Mas o inquérito foi tocado de um jeito meio peculiar.

Locutor: *Veja*, 20 de junho de 1973.

Surgiram indagações que interessavam evidentemente mais ao cidadão do que à autoridade, tais como: 'Quantos amantes tivera?'; 'O que fora fazer numa maternidade há três meses?'; 'E o lavador de carros não a excitava?' Por duas vezes, em seis horas de interrogatório, Ângela retirou-se para vomitar no banheiro.

Branca Vianna: Ainda em BH, a gente reservou um dia pra visitar o acervo do Museu da Imagem e do Som. Fica numa casinha charmosa. Quando a gente esteve lá, tava decorado com imagens da finada TV Itacolomi.

Nosso pesquisador audiovisual, Antonio Venancio, tinha reservado todo o material que a gente queria ver. E a Marcella Furtado, que é arte-educadora do MIS, recebeu a gente e o nosso técnico de som com uma pilha de rolos de filmes.

Marcella Furtado: O próximo, de 22 de junho de '73, é aqui “Polícia - Assassinato - Ângela Diniz”. O título foi dado obviamente sem nem imaginarem que ela mesma seria assassinada alguns anos depois, né.

Branca Vianna: A Marcella foi tirando os rolos e colocando numa moviola azul, linda. Eu nunca tinha visto uma moviola antes. Parece uma máquina de costura gigante, mas que, em vez de rolo de linha, processa rolo de filme.

Marcella Furtado: Esse material neste século com certeza é inédito, alguma coisa disso aqui pode ter ido ao ar, mas não tudo também.

Branca Vianna: A gente apagou a luz, e a moviola começou a rodar. O som tava meio corrompido, e as imagens que apareciam na telinha da moviola tinham as cores invertidas, que nem negativo de foto – e tudo isso deixava o vídeo com um ar um pouco sinistro.

Nesse arquivo do MIS, tinha um depoimento da própria Ângela sobre o caso. O crime tinha acontecido em junho. Essa gravação era do segundo depoimento, que aconteceu dois meses depois, no tribunal. Ela tava sendo indiciada como corré, porque ela teria passado a arma do crime para o Tuca Mendes.

Acho que já tá claro que a Ângela tava quase sempre nos jornais. As fotos dela eram capas de revista. Então, a imagem dela era super fácil de encontrar. Mas uma coisa que a gente nunca tinha conseguido era ouvir a voz dela. E, além de isso aqui ser uma série em áudio, uma das razões que me fizeram querer contar essa história era dar voz à Ângela. Então, quando a gente soube da existência desse depoimento gravado, a expectativa de finalmente poder ouvir a voz dessa mulher era muito grande.

Ângela Diniz: [áudio ininteligível]

Branca Vianna: A gente voltou o rolo pra tentar de novo.

Ângela Diniz: [áudio ininteligível]

Branca Vianna: A gente via ela mexendo a boca, mas não conseguia ouvir direito a voz, que tava distorcida e abafada pelo barulho da máquina de escrever, e pelas vozes de homens falando por cima dela.

O áudio não tinha só se corrompido com o tempo. Parecia que, por alguma razão, a captação só tinha interesse na qualidade da imagem, e não do som. Talvez o cinegrafista não tivesse tido autorização pra microfonar as pessoas, ou talvez ele tivesse recebido instruções de que as imagens iam ser cobertas pela locução de um repórter, sei lá.

O que a gente conseguia ver, em negativo na telinha da moviola, era a Ângela impassível no centro de uma horda de pelo menos 25 homens, enquanto o juiz interrogava ela. Isso quando o plano da câmera era aberto.

Na maior parte do tempo, a câmera fechava nas mãos da Ângela, ou na boca dela, como se fosse um filme experimental de mau gosto. A Ângela, que nessa altura do campeonato já estava lidando com esse circo havia dois meses, parecia segura.

Locutor: *O Jornal*, 28 de agosto de 1973.

Calma, com um jeito infantil no olhar e até ao responder ao juiz, Ângela Diniz repetiu o que já havia dito na Polícia. Por vezes chegava a brincar. Com o Código de Processo Penal que estava à sua frente, forçava a repetição de perguntas feitas pelo juiz, como se não tivesse entendido o que lhe era perguntado.

Branca Vianna: Na época, o que saiu na imprensa sobre o depoimento caiu naquela mistura esquisita de reportagem policial com coluna de fofoca.

Locutor: *O Jornal*, 28 de agosto de 1973.

O que chamou mais atenção foi a sua irrepreensível elegância: um conjunto vinho, muito bem talhado, blusa de seda estampada e sapatos de verniz, mas sem nenhuma joia.

Veja, 29 de agosto de 1973.

A colunista Jane Soares, do Diário de Minas, chegou a dizer: “Muita dondoca deve estar com inveja da promoção de Ângela. Ela conseguiu ser mais comentada do que Sílvia Amélia Chagas, que se casou com um barão.”

Branca Vianna: Eu não queria desistir de ouvir a voz da Ângela. Então a gente rebobinou o filme e ouviu tudo com atenção redobrada até achar um trechinho em que dava pra entender o que ela tava dizendo.

Ângela Diniz: Foi observado por mim, pelas empregadas e por todas as pessoas da casa... [*sons indistintos*] Mas eu não tenho nada a falar.

Branca Vianna: Beira o clichê que a única frase completa que a gente consegue ouvir na voz da Ângela é: “Eu não tenho nada a falar.”

O Tuca Mendes também depôs, e o depoimento dele também foi gravado. Ele dizia que tava passando a noite na casa da Ângela quando ouviu um barulho e abriu a janela.

Tuca Mendes: Eu abri a cortina, abri o vitrô e passei para o lado de fora. O elemento tava passando atrás do carro, se levantou, ficou em pé, eu pude ver perfeitamente.

Branca Vianna: A Ângela teria reconhecido o “elemento” e dito pro Tuca que era o José Avelino. Mas o Tuca teria visto um objeto na mão dele, uma faca.

Tuca Mendes: Ela disse é o Zé, é o Zé Vigia. Ele tinha na mão um objeto branco, e nesse momento... eu dei um tiro para o lado dele, pro alto.

Branca Vianna: Ele disse que o vigia veio na direção dele, e que ele chegou a gritar pro cara parar e deu um tiro pro alto.

Tuca Mendes: E, contudo, ele continuou em direção a mim. E eu acionei o gatilho rapidamente duas vezes, e ele mudou a direção, deu uns três passos e caiu.

Branca Vianna: Pelos depoimentos da Ângela e do Tuca, referendados pela investigação policial, foi o Tuca quem disparou duas vezes contra o José Avelino. Mas então por que a Ângela disse que foi ela?

No depoimento que ela deu à polícia, ela disse que tava tentando “resguardar a posição do companheiro”.

Valéria Penna: Eu acho que a Ângela nunca tinha encostado a mão num revólver na vida dela.

Branca Vianna: Essa é a Valéria Penna, amiga da Ângela desde a escola, que vocês ouviram no episódio passado. É aquela que falou do filme do James Bond.

Valéria Penna: Quer dizer, agora, isto é a Ângela. A Ângela era essa pessoa, que ela é capaz de falar “Não, fui eu. Matei.” Sem nenhum... incosequente. Eu acho que ela não media as consequências daquilo que ela tava fazendo.

Branca Vianna: E, olha, faz sentido o que a Valéria diz. Parece mesmo inconsequência da Ângela mentir pra família e tentar assumir a autoria de um crime que ela não cometeu. Mas o que ela tinha a ganhar com isso? Ou melhor: o que ela tinha a perder com a revelação de que o verdadeiro assassino era o Tuca Mendes?

A Ângela e o Tuca tinham um caso conhecido na cidade, jantavam fora juntos, passavam o fim de semana juntos em Diamantina, toda a sociedade sabia do affair, inclusive a mulher do Tuca, que não estava nada contente com a história. Mas daí a sair no jornal eram outros quinhentos.

Gracinda Garcez: Ela separou, foi ter um caso com o Tuca Mendes, que era casado. E era o maior construtor de Minas.

Branca Vianna: Essa é outra amiga da Ângela, a Gracinda Garcez, que conheceu a Ângela no Rio, pouco tempo depois do crime.

Gracinda Garcez: Era um homem muito conhecido em Minas, e Minas... Essa é caretérrima. É caretérrima, mas até agora, meu último marido, que era mineiro, os amigos dele todos têm amante, a mulher e a amante. Primeira amante, a segunda. Isso até há pouco tempo atrás, gente, é uma coisa muito louca, né. Agora, a mulher que faz isso dançou, né.

Branca Vianna: A mulher que faz o quê? Que tem um caso com um homem casado?

Gracinda Garcez: Que tem um caso com um homem casado. Pra Minas, acabou.

Branca Vianna: Agora, tem um fator desse homicídio que pesa muito na balança. É quem era a vítima. O José Avelino dos Santos foi registrado no IML como “Desconhecido 1902”. Na descrição do laudo: “preto, olhos castanhos, cabelos encarapinhados, 1,74 metro de altura, barba e bigodes raspados, dentes em péssimo estado de conservação.”

Essa, aliás, é a descrição mais detalhada que a gente tem dele, porque os jornais preferiram não gastar muita tinta com um perfil da vítima. Só se sabia que ele era vigia ou que ele era caseiro, a depender da matéria, e que era chamado de “Zé Preto”.

Só pra efeito de comparação, olha como o Tuca era descrito no *Jornal do Brasil*: “Com um cuidado especial com a aparência e a elegância – fez um implante de cabelo quando ficou ameaçado pela calvície – gosta de boa música, bom uísque e antiguidades. Segundo os amigos, não é mulherengo, só se envolvendo quando realmente ama. Casado com uma gaúcha, com quem não vive bem, tem três filhos.”

Uma das coisas mais estranhas do julgamento do Doca Street é que o assassinato da Ângela foi tratado como um tropeço na vida dele. Um incidente infeliz a ser superado. Como se ele fosse a vítima.

E parece que o assassinato do José Avelino era tratado dessa mesma forma: um tropeço, um transtorno na vida da Ângela e do Tuca. Tudo indica que aquela faca de prata que tava na mão dele foi colocada por alguém ali, depois que ele já tinha morrido, pra justificar uma legítima defesa. A faca tava na mão direita, e ele era canhoto.

Mas ninguém parecia se importar muito com isso, nem com qualquer detalhe da vida dele. A própria polícia não parecia tratar ele como vítima – e só foi avisar a mãe dele quatro dias depois do crime.

Também foram poucos os repórteres que trouxeram um ou outro detalhe da vida dele: que ele morava no morro do Querosene, que lá o apelido dele não era “Zé Preto”, mas “Pelé”. Nem a idade dele era tratada com precisão. Dependendo do jornal, ela variava entre 16 e 19 anos, mas na verdade ele tinha 18, ia fazer 19 no mês seguinte.

Traçando aqui um paralelo meio torto entre esses dois crimes na vida da Ângela, o assassinato dela e o assassinato que ela assumiu ter cometido – dá pra ver que a vida de uma mulher não valia muito, e a vida de um homem negro, também não.

Marcella Furtado: Esse chama "Tuca Mendes julgamento". De 13 de março de '78.

Branca Vianna: No caso do caseiro, a legítima defesa funcionou a favor da Ângela. Em 1975, a denúncia contra o Tuca e ela foi descartada. A promotoria recorreu, e o julgamento aconteceu em '78. Mas, nessa altura, a gente já sabe, a Ângela já tinha morrido. Sobrou o Tuca.

Otávio Tibúrcio Henrique: Pronunciado o recurso do artigo 121 do Código Penal, por homicídio que vitimou José Avelino dos Santos, o Zé Pretinho...

Branca Vianna: O Tuca foi condenado, pra surpresa da maioria, que esperava a absolvição. Ele recebeu exatamente a mesma pena que o Doca Street ia receber um ano mais tarde por matar a Ângela: dezoito meses. E ele também teve a pena suspensa.

A Ângela não foi responsabilizada criminalmente pela morte do José Avelino. Mas, mesmo assim, ela foi julgada pelo que tinha acontecido. Pelo menos pela imprensa e pela opinião pública.

Locutor: O *Cruzeiro*, 12 de setembro de 1973.

O mais curioso é a guerra que está sendo travada nos disse-me-disse da sociedade [...] Enquanto amigas fiéis defendem Ângela de todos os comentários injuriosos (“existe muita sujeira no meio dessa história”), outras, suas antigas rivais de elegância e beleza nos grandes salões, não a perdoam pela publicidade que está tendo, em caráter nacional.

Branca Vianna: “Existe muita sujeira nessa história.” Lembra: quando a Maria Diniz encontrou o corpo do José caído na porta da Ângela, ele tinha a braguilha aberta, com sinais de ejaculação, e uma porção de carrapichos grudados na barra da calça.

Acontece que acharam carrapichos também no quarto da Ângela. Ok, ela andava pelo mesmo jardim que ele, porque era o jardim da casa dela. Mas logo apareceu uma teoria de que o caso do caseiro tinha sido um crime sexual.

Durante a pesquisa do *Praia dos Ossos*, eu conversei com muita gente envolvida de uma forma ou de outra com a história da Ângela. E, quase sempre, eu perguntava sobre o “Caso do Caseiro”. E aconteceu, muitas vezes, de o entrevistado pedir pra desligar o gravador e contar “em off” algum detalhe privilegiado do caso.

O negócio é que cada um contava uma história totalmente diferente da outra. Uma versão dos fatos era de que a Ângela, o Tuca e o José estariam fazendo um *ménage à trois* que deu errado, descambou pra uma confusão, e que o Tuca acabou matando o José.

Outra versão era a de que o Tuca teria flagrado a Ângela transando com o José, e teria matado o menino por ciúme. E tem ainda uma terceira versão dos fatos. Nessa, o José tinha uma fixação pela Ângela – e tem alguns detalhes de reportagens da época que sugerem isso. Supostamente, ele teria ficado se masturbando olhando a Ângela e o Tuca transarem. E quando o Tuca percebeu a presença dele, ele disparou.

Como as três pessoas envolvidas nesse caso já morreram, não vai dar para a gente descobrir a verdade. Mas eu queria chamar a atenção aqui pra fama que grudou na Ângela por causa dessa história.

Maurício Aleixo: Saí com ela, fomos aqui à Praça da Liberdade. E quando a Ângela chegou, “a Pantera de Minas!”. Então a coisa foi... Nós tivemos que sair quase que correndo.

Branca Vianna: Nossa, olha só.

Maurício Aleixo: Para evitar exatamente o assédio. Mas a vida dela passou a ser realmente objeto de muita curiosidade e muita atenção.

Branca Vianna: Esse estigma que grudou na Ângela depois do caso do caseiro não tinha fundamento só no crime. Outro estigma, quase que igualmente prejudicial pra imagem dela naquele contexto, era o sexo. Não só o sexo com o Tuca Mendes, que era um homem casado, mas a possibilidade de sexo com o caseiro.

Depois da morte da Ângela, o colunista social Ibrahim Sued escreveu assim: “Quem conhecia Ângela sabe que jamais ela daria intimidade a um criado.” E agora, durante a gravação do *Praia dos Ossos*, eu ouvi declarações bem parecidas dos entrevistados.

Não foram poucos os que me disseram – anonimamente – que a Ângela era racista demais, elitista demais para dar bola pro menino. Outros chamavam essa história toda de uma “perversidade”. Com a Ângela, claro. De novo: o pior não era o assassinato. Era a possibilidade de ela ter transado com um menino negro e favelado, seu empregado.

A Gracinda Garcez, aquela amiga da Ângela que conheceu ela pouco tempo depois de ela se mudar pro Rio, contou para a gente sobre um dia em que ela convidou a Ângela para almoçar no Country Club, um reduto exclusivíssimo da high society carioca.

Branca Vianna: E esse episódio do Country?

Gracinda Garcez: Do Country, aconteceu o seguinte. Eu levei ela pra almoçar com a gente, era um grupo. E aí um casal muito mais velho, amigos nossos, gente boa inclusive, ele bebia pra burro. Ele virou-se pra ela e disse assim, no meio do almoço: “Olha, o nosso cozinheiro aqui é negro, talvez você goste.”

Branca Vianna: A própria Ângela chegou a comentar o caso com a imprensa. E é até bom a gente saber o lado dela, pra lembrar que essa aqui não é a história de uma heroína feminista e antirracista.

Ainda em junho de '73, ela disse o seguinte pro *Diário da Noite*: “Não escondo que sou uma mulher desejada por muitos. Acredito que até meu ex-vigia se tenha incluído nesse todo. Admito também que não tenho preconceito racial, mas, daí a dizer que eu poderia corresponder a qualquer intenção dele, chega a ser até um crime. Alguns dos que fazem tal insinuação chegaram a vê-lo ao menos em fotografia? Era feio, sem qualquer atrativo. Não era nenhum Harry Belafonte ou Sidney Poitier.”

Foi nessa altura que a Ângela, se sentindo marcada por essa história, decidiu ir embora de Minas. Numa entrevista pra *Manchete*, ela disse: “Belo Horizonte passou a ter medo de mim.”

A Ângela chegou ao Rio disposta a mudar de vida. Mas, se até o caso do caseiro, ela tinha sido uma figura pública de BH, agora a fama dela tinha outra escala. Ela já não era mais a “Pantera de Belô”, ela era “a Pantera de Minas”.

Mas, vamos lá, que diabos quer dizer “pantera”? Que que significa ser uma pantera? Tudo leva a crer que quem cunhou o termo – ou pelo menos quem foi o grande responsável por popularizar as panteras – foi o Ibrahim Sued, que era a maior referência em jornalismo social nos anos '60 e '70. Ele tinha um vocabulário todo próprio. Mulheres, para ele, eram “panteras”, “panterinhas”, “bonecas”, “cocadinhas” e “deslumbradas”. E parecia meio aleatório, ele batia o olho e já botava cada uma numa caixa.

Segundo a hoje Condessa Silvia Amélia de Waldner, que foi a primeira a receber esse apelido do Ibrahim Sued, as panteras eram as mulheres que ele achava bonitas e gostava de botar na coluna dele.

Mas, com a Ângela, o apelido ganhou outra proporção. Porque ela acabou assumindo mesmo o papel da pantera. Ela tava inclusive com um biquíni estampado de pantera quando foi assassinada pelo Doca na Praia dos Ossos.

Na nossa conversa, a Valéria Penna – a amiga de escola da Ângela que disse que ela tinha sido “inconsequente” no caso do caseiro – fez uma análise interessante da personalidade dela.

Valéria Penna: Eu acho que existe uma, eu aprendi fazendo psicanálise, que existe uma diferença entre, é... ter coragem e ter destemor. Coragem é quando você tem medo e enfrenta o medo. E certos medos têm toda razão de ser. E você foge, e você se protege. Você percebe o perigo. Pessoas que são destemidas, elas não têm medo. E eu, se eu pudesse entender a Ângela de alguma forma era que a Ângela não tinha medo, ela não se protegia.

Branca Vianna: Depois do caso do caseiro, a Ângela passou de destemida a temida.

Kiki Garavaglia: Quando eu fui para Paris com duas amigas minhas, ela estava no voo, e ela tentou ficar amiga. E eu, babaca, falei assim: “Ai, não vamos se enturmar com a Pantera, né, pô, não, não.”

Branca Vianna: Essa é a Kiki Garavaglia, que foi conhecer a Ângela nessa fase pós-caseiro, durante um voo Rio-Paris.

Kiki Garavaglia: E, no dia seguinte, minhas amigas não quiseram ir na Galeries Lafayette, eu queria ir na Galeries Lafayette, e ela falou assim: “Eu vou com você.” Saímos de lá *best friends forever*.

Branca Vianna: A gente conversou com a Kiki na casa dela no Rio.

Kiki Garavaglia: Eu tenho um porta-retrato com as amigas. Eu tenho um porta-retrato com as amigas todas, mas a maioria já morreu. Aqui ó. Aqui, um dia eu fiz uma colagem, que eram as minhas melhores amigas. Tá tudo caindo aos pedaços.

Branca Vianna: Era uma velha colagem de fotos, algumas em cores e outras em preto e branco. A Ângela tava lá, sorrindo no meio das outras.

Branca Vianna: Bonitíssima, hein?

Kiki Garavaglia: É, ela era linda. Eu me divertia muito com ela. Que ela chegava lá dentro e falava assim: “Acabei de descobrir um bar que só tem viado, e a gente vai entrar lá e vai ser o máximo!” “Jura, Ângela?” “Não, imagina a gente entrar num bar de viados? Vamos, Kiki!” E aí eu ia, né. Ela dava uma coisa diferente. Então ela tinha, assim, esse lado dela, engraçado, né. Então, quando eu penso na Ângela, eu só penso: “Porra, que burrice, hein, colega?”

Branca Vianna: A Kiki era tão onipresente nas festas do Rio que o Wilson Simonal fez uma música pra ela. Essa aqui.

Wilson Simonal: Kiki, menininha moderna, cheia da erva, não dava perceber...

Branca Vianna: Essa “erva” aqui que o Simonal fala, “cheia da erva,” era gíria pra “dinheiro” naquela época, não pra “maconha”. Quando a Ângela e a Kiki se aproximaram, nem todo mundo entendeu a amizade entre a “menininha moderna” e a “Pantera de Minas”.

Kiki Garavaglia: Mas aí ficou uma coisa muito pejorativa, porque ela se tornou a Pantera de Minas. Você sabe que foi um escândalo, né. Ela era muito malvista. Ela era considerada *persona non grata* nos lugares.

Branca Vianna: E não era só o estigma social. O fato de a casa da Ângela ter sido o cenário de um assassinato pesou muito no litígio da guarda dos três filhos dela com o Milton Villas

Boas. Os advogados do Milton argumentaram que um crime no mesmo imóvel que as crianças frequentavam era uma prova de que a Ângela não tinha capacidade de cuidar dos próprios filhos. Naquela época, o Milton tinha 10 anos, a Cristiana tinha 9, e o Luiz Filipe tinha 7.

Kiki Garavaglia: E aí ela entrou naquela autodestruição que eu te falei: “Ah, é? É pra arrebentar? Então me arrebentem”, né. E foi indo numa evolução de autodestruição enorme.

Branca Vianna: Então, pelo que você tá contando pra gente, ela era as duas coisas.

Kiki Garavaglia: Ela era as duas coisas diferentes. Antes disso tudo começar, ela foi aquela pessoa boa, bobinha, bonequinha de luxo, o marido enchia ela de joias, ela tava sempre perfeita. E depois disso ela virou uma matadora.

Branca Vianna: Você acha que ela chegou a ser feliz com a liberdade que ela adquiriu?

Kiki Garavaglia: Nunca, por causa dos filhos. Nunca.

Branca Vianna: Desde o caso do caseiro, a Ângela só tinha autorização pra ver os filhos na casa dos Aleixo, os tios dela.

Locutor: *O Globo*, 5 de janeiro de '77. Coluna de Ibrahim Sued.

Quando ia visitar as crianças em Belô, sempre que regressava ao Rio entrava em depressão, e repetia para os amigos: “Por que eu não posso ter meus filhos comigo?” Era o seu grande drama: os filhos, talvez a sua verdadeira e única paixão.

Branca Vianna: No Natal de '74, a Ângela foi de novo pra BH ver as crianças. Na noite do dia 25, ela ia voltar pro Rio. E aí ela não aguentou. Mesmo contra a decisão judicial, e sem avisar ninguém, ela resolveu levar a filha de volta pro Rio com ela.

Kiki Garavaglia: Ela morava na Anita Garibaldi. Acolheu a filha, ficou com ela, “Mamãe, quero ficar com você, quero ficar com você”, e ela então, o marido ligava e ela dizia que a filha não tava lá. E aí foram lá e acharam a filha. Mais um escândalo, mais polícia envolvida.

Branca Vianna: Os Villas Boas acusaram a Ângela de ter sequestrado a própria filha.

Numa entrevista pra *Fatos & Fotos* no ano seguinte a esse incidente, a Ângela contou que a filha vinha tendo problemas na escola. Em vez de assinar “Cristiana Diniz Villas Boas”, ela escrevia “Rebeca Diniz”. Porque Rebeca era o nome que a Ângela queria dar para ela.

O Milton Villas Boas nunca perdoou a Ângela por ter sumido com a filha deles, e o processo seguiu. A Ângela foi condenada a seis meses de prisão pelo sequestro da Cristiana – mas ela foi assassinada antes da aplicação da pena.

Kiki Garavaglia: Depois que a, que a Cristiana veio pra cá, e tiraram dela, ela ficou proibida de ver os filhos. Ela nunca mais foi feliz. Então ela vivia entorpecida, porque ela não aguentava a realidade dela. Esse período, que foi o período que eu convivi com ela até a morte dela, posso te dizer, não me lembro de um dia dela feliz. Sabe assim, “Vamos pra praia, ver o sol nascer?” Não rola, ela ficava em casa, enfiada, fumando maconha. Esperando para falar com os filhos. Se você tem uma dor enorme, e você tá com ódio do mundo, você se transforma.

Branca Vianna: O caçula da Ângela, o Luiz Felipe, morreu num acidente de carro em '88. O filho mais velho, o Milton, sofreu um acidente de moto em '82 e teve lesões sérias. Hoje, quem cuida dele é a irmã. A gente tentou falar com a Cristiana, mas ela não quis dar nenhum depoimento. Na verdade, ela passou a vida evitando os jornalistas.

Mas, em 2006, quando o Doca Street lançou o *Mea Culpa*, o livro de memórias dele, a Cristiana deu uma entrevista pra revista *RG Vogue*, já anunciando que aquela ia ser a primeira e última vez que ela ia falar da mãe para a mídia. Vou ler um trecho do texto.

“Minha mãe veio do Rio para ficar o fim de semana com a gente, porque o meu pai não deixava ela nos levar pra lá. No domingo, antes de o meu pai buscar a gente, eu disse que queria ir com ela para o Rio. Ela explicou que não podia me levar. E eu comecei a chorar, disse que queria ver onde ela morava. Ela respondeu: “Você quer mesmo ir? Então vou te levar.” Meus irmãos ficaram em pânico, diziam que meu pai ia me matar. Mas eu não liguei. E fomos embora para o aeroporto. Fiquei uma semana com ela. Fomos à praia, jantar fora, conheci os seus amigos, foi uma delícia. Mas depois de uma semana, meu pai mandou me buscar.”

Daí em diante, o contato com os filhos ficou mais restrito ainda.

Kiki Garavaglia: Ela queria ver o circo pegar fogo. Se ela não era feliz, não podia ter os filhos, o resto, dane-se. Foi isso que ela fez, ela começou a enfrentar todo mundo. Ela enfrentava qualquer um. Ela tava sempre na defensiva pra atacar alguém. Ela só pensava nos filhos. Foi criada de uma maneira toda caretinha e de repente virou uma pessoa, praticamente uma delinquente, onde não era aceita por lugar nenhum, então, ela falou assim: “Então tá, então vou fazer o papel. Então agora eu vou fazer isso. Ninguém vai me derrubar.”

Branca Vianna: Foi nessa altura, em setembro de '75, que aconteceu o terceiro crime na vida da Ângela. Depois de uma ligação anônima, a polícia fez uma batida no apartamento dela em Copacabana.

Kiki Garavaglia: Alguém... ela teve uma denúncia, que ela tinha tóxico em casa. Tocaram a campainha, o porteiro avisou: "Tá subindo aí, polícia." O que que ela podia ter feito? Pega o bagulho, que era maconha, né, joga pela janela. Não. Tocou a campainha: "Ah, viemos aqui porque soubemos que aí tem tóxico." Pegou a caixinha: "Toma, é toda sua, pode levar."

Branca Vianna: Entregou a maconha dela pra polícia.

Kiki Garavaglia: Sabe quando você não quer mais lutar? Você... O que vier?

Branca Vianna: A Ângela chegou a ser detida por posse de maconha. O Ibrahim Sued, que virava quase o Datena na guerra contra os "tóxicos" na coluna dele, tentou abafar o caso da maconha da Pantera. Só mais tarde, depois que a Ângela morreu, ele resolveu escrever sobre essa batida policial.

Locutor: *O Globo*, 5 de janeiro de 1977. Coluna de Ibrahim Sued.

A polícia encontrou dois pacotes de cigarros de maconha. Apenas os dois pacotes. Isso foi o bastante para que a imprensa noticiasse que ela fora presa em Copacabana traficando tóxicos. Para conseguir responder ao processo em liberdade, ela teve que se declarar dependente do fumo.

Branca Vianna: O advogado da Ângela neste caso foi o Evaristo de Moraes Filho, aquele que dois anos mais tarde foi contratado pela família da Ângela pra assistência de acusação contra o Doca Street.

Locutor: *Na delegacia de tóxicos, depois de assinar suas declarações chorando desesperadamente, Ângela comentava: 'Agora mesmo é que eu perdi definitivamente a tutela dos meus filhos.*

Branca Vianna: O crime de posse de maconha foi muito menos grave do que o assassinato do caseiro, ou até do sequestro da própria filha. Mas ele tem um efeito de gota d'água. Muita gente com quem a gente falou se referiu ao episódio da maconha como um "ponto sem retorno" pra Ângela. Que, depois disso, a vida de antes – Minas, família, alta sociedade, isso tudo virou inconciliável.

O negócio agora era chutar o balde. Em público, em vez de fugir, ela abraçava a pecha. O jornal *Movimento* publicou uma notinha, em dezembro de '75. Parece que, no meio de uma

discussão com a atriz Monique Lafond na piscina do Hotel Meridien, a Ângela teria falado pra ela: “Famosa, meu bem? Famosa sou eu, que tenho *três* processos na Justiça.”

Gracinda Garcez: Às vezes a pessoa é malvista e se recolhe, né. Fica tímida, fica chateada, não quer. Ela botou a cara e foi em frente. Eu sou assim e quem quiser, eu sou feliz, eu sou bonita, e é isso mesmo.

Branca Vianna: Esse episódio foi só sobre os crimes de Ângela. O lado perigoso da pantera. Mas boa parte de ser pantera era seduzir.

Kiki Garavaglia: A Ângela tinha se tornado aquela... A mulher pecado, que leva os homens à loucura, tá entendendo? Uma coisa meio assim.

Branca Vianna: A ficha criminal pesou na vida da Ângela, com certeza. Mas, de certa forma, isso não era o mais grave. Quando a gente lembra do julgamento do Doca Street – que foi também o julgamento da Ângela –, o que ficou marcado não foi o Evandro Lins e Silva desancando ela pelo sequestro da Cristiana, ou pela posse de entorpecentes. E muito menos pela morte do José Avelino.

O que vem à mente é isso aqui:

Evandro Lins e Silva: Ela queria a vida livre! Libertina, depravada!

Branca Vianna: Ou, nas palavras do próprio Evandro: "a prostituta de alto luxo da Babilônia, que pisava corações, e com suas garras de pantera arranhou os homens que passaram em sua vida."

No próximo episódio de *Praia dos Ossos*, a gente vai tentar entender esse que era, talvez, o maior crime da Ângela: o poder sedutor, os casos amorosos e o efeito dela sobre os homens.

Praia dos Ossos é uma produção original da Rádio Novelo. Pra não perder nenhum capítulo, não deixe de assinar nosso feed. Pra ver fotos do Tuca e do José Avelino, vai lá no nosso site. E se você gostou do podcast, compartilhe o Praia dos Ossos nas redes sociais e marque a Rádio Novelo, sempre @radionovelo.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora deste podcast.

A Flora Thomson-DeVeaux sabe identificar uma obra do Aleijadinho a cem passos.

A montagem é da Laís Lifschitz.

A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar. A coordenação digital é da Kellen Moraes. Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre.

A produção é da Claudia Nogarotto. A captação pra esse episódio é do Daniel Zema, do Danilo Skilo, e do Rafael Facundo. Gravamos com o Estúdio Rastro no Rio.

Pesquisa audiovisual de Antonio Venancio. Áudio de arquivo da Globo Minas. A locução das reportagens de arquivo foi do Ingo Ostrovsky. A identidade sonora do *Praia dos Ossos* foi composta pelo Pedro Leal David. Usamos música adicional da Blue Dot. A finalização e a mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessôa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café.

A Isabela Moreira é a editora das nossas redes sociais, que têm peças produzidas também pelo Mateus Coutinho. A Ana Beatriz Ribeiro e a Juliana Jaeger completam o time digital. Luciele Almeida faz a gestão de campanha de mídia.

A checagem foi do Érico Melo e da Luiza Miguez.

Para esse episódio, agradecemos a ajuda de Maurício Aleixo, Valéria Penna, Gracinda Garcez, Kiki Garavaglia, Marcella Furtado, e toda a equipe do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte.

Obrigada e até a semana que vem.